



**PODEMOS
EVOCAR
os MORTOS?**

Podemos evocar os mortos?

Índice

Introdução.....	6
1857.....	13
1858.....	17
1859.....	24
1860.....	33
1861.....	38
1862.....	73
1863.....	77
1864.....	84
1865.....	88
1866.....	95
1867.....	107
1868.....	109
1869.....	115

INTRODUÇÃO

1.

Allan Kardec, ao longo de seus doze anos de publicações espíritas, sempre dissertou sobre a evocação dos Espíritos.

Todos os anos foram por ele publicados textos sobre a evocação e diálogos com Espíritos obtidos por evocações.

A evocação foi o meio científico de trazer material para reflexões filosóficas (que poderemos chamar "reflexões filosóficas espíritas" em função do meio de obtenção desse material).

Os fundamentos e orientações relacionados às evocações foram publicados já na primeira edição de O Livro dos Espíritos. Nesse livro de 501 itens, Allan Kardec questiona os Espíritos sobre a importância da evocação, como fazer, quem pode fazer, quais os cuidados, quais Espíritos podem ser evocados e assim por diante...

A primeira edição de O Livro dos Espíritos era dividida em três partes:

Livro Primeiro - Doutrina Espírita

Livro Segundo - Leis Morais

Livro Terceiro - Esperanças e Consolações.

No décimo capítulo da primeira parte, chamado "Manifestação dos Espíritos", existem 26 questões feitas por Allan Kardec aos Espíritos. A seção "Das Evocações" (da questão 251 à 276) nos dá a base para qualquer reflexão sobre o tema além de instrumentos para realizar a evocação.

É bom lembrar que até o item 276 todas as respostas dos Espíritos são comentadas por Allan Kardec. Então, além das 26 respostas, temos 26 anotações de Allan Kardec sobre o tema.

Essa seqüência de perguntas e respostas vai fundamentar todos os escritos de Kardec sobre a evocação. Não teremos alterações, apenas explicações e aprofundamentos ao longo dos quase doze anos que se seguiram.

Na segunda edição de O Livro dos Espíritos (já com 1019 itens - lembrando que o item 1011 não foi numerado) essa seqüência não aparece.

Um resumo das informações sobre a evocação é publicado em 1858 no Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas,

em seu capítulo 8, na seção "Das evocações".

O *Instrução Prática* contém o "Vocabulário Espírita", onde os termos *Invocação* e *Evocação* são explicados.

Este livro deixa de ser publicado para dar lugar ao Livro dos Médiuns, onde todos os itens antes presentes em O Livro dos Espíritos reaparecem.

Allan Kardec escreve:

O Livro dos Médiuns. Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns, como para os evocadores, e o complemento de *O Livro dos Espíritos*.

No capítulo 25 da segunda parte deste livro, intitulado "Das Evocações", teremos as anotações de Allan Kardec republicadas quase literalmente, além da transcrição de grande parte da seqüência de perguntas e respostas. Agora as perguntas chegam a 54, não mais 26.

O que dissemos até agora é o seguinte: a teoria que dá suporte à evocação aparece na primeira Edição de O Livro dos Espíritos e é apresentada definitivamente em O Livro dos Médiuns, cujo subtítulo é

“Guia dos médiuns e dos evocadores”. E essa é a base de toda a tese espírita da evocação.

2.

Muitas dúvidas surgem, naqueles que se dedicam ao estudo do Espiritismo, quando o assunto é evocação.

Para facilitar nosso estudo, e o estudo de amigos do Projeto Filosofia Espírita, pesquisamos na obra de Allan Kardec tudo o que diz respeito a este tema.

Pesquisamos nas seguintes obras:

O que é o Espiritismo;

O Livro dos Espíritos (1ª e 2ª edições);

Instrução prática sobre os fenômenos espíritos;

O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores;

O Evangelho segundo o Espiritismo;

Céu e Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo;

A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo;

Viagem Espírita em 1862;

O Espiritismo em sua mais simples expressão;

e a Coleção da Revista Espírita.

Para uma visão cronológica, dividimos as informações por ano. Assim podemos verificar melhor se houve mudança ou progresso... Se Allan Kardec retirou ou acrescentou algo da tese da evocação ao longo dos seus doze anos de publicações, experimentações, estudos e pesquisas.

Optamos pela técnica didática e literária de perguntas e respostas. Ora fazemos perguntas aos textos kardequianos, ora reproduzimos as perguntas feitas por Allan Kardec e as respostas dadas pelos Espíritos. Em momento algum alteramos os textos citados.

Algumas passagens que tratam do tema não foram recolhidas aqui, com o objetivo de que as obras citadas sejam consultadas. Por outro lado, algumas repetições de conteúdo foram feitas para que o leitor perceba alguns caminhos que Allan Kardec tomou na construção das obras.

Algo marcante nesse passeio histórico pelas idéias espíritas é o constante uso, por parte daqueles que são contrários ao Espiritismo, da proibição feita por Moisés de se evocar os mortos.

A resposta de Allan Kardec e dos Espíritos é racionalmente lúcida.

Ela demonstra os benefícios da evocação e desmascara aqueles que temem sua propagação dando o verdadeiro motivo desse temor.

Esperamos que esta seleção de textos auxilie de alguma forma os estudiosos do Espiritismo.

GEFE
(Grupo de Estudos da Filosofia Espírita)
Maio de 2008.

1857

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

ALLAN KARDEC PERGUNTA AOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Como deve ser feita a evocação dos Espíritos?

Espíritos

É preciso evocá-los em nome de Deus todo-poderoso e para o bem de todos.

Allan Kardec

A fé é sempre necessária para as evocações?

Espíritos

A fé em Deus, sim.

Allan Kardec

Qualquer indivíduo pode evocar os Espíritos?

Espíritos

Sim.

Allan Kardec

O Espírito evocado acode sempre ao chamado que lhe é feito?

Espíritos

Sim, se tiver permissão para isso.

Allan Kardec

A evocação é de fato para os Espíritos coisa agradável ou penosa?

Espíritos

Isto é conforme o rogo que se lhes faça. Será para eles coisa agradável e mesmo muito atraente quando o fim for louvável.

Allan Kardec

Podemos evocar os Espíritos puros, esses que terminaram a série de suas encarnações?

Espíritos

Sim, são os Espíritos superiores e bem-aventurados; eles porém só se comunicam com corações puros e sinceros, e não com os orgulhosos e egoístas; também é preciso rezear Espíritos inferiores que tomam o nome deles.

Allan Kardec

Podemos evocar o Espírito de nossos parentes e amigos e entrar em comunicação com eles?

Espíritos

Sim, e, quando são felizes, eles bem gostariam de vos fazer cientes de que não tendes razão de vos afligir por que eles não estão mais na Terra.

1858

REVISTA ESPÍRITA

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE AS
MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

PERGUNTAMOS A ALLAN KARDEC

GEFE

No Vocabulário Espírita, presente no "Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas", o termo Evocação remete a Invocação, não que tenham o mesmo significado, mas, por sua semelhança, é importante demarcar as diferenças. Com a palavra Allan Kardec:

Allan Kardec

INVOCAÇÃO [do lat. *in*: em, e *vocare*: chamar]. EVOCAÇÃO [do latim *vocare*, e *e* ou *ex*: de, fora de]. Estas duas palavras de nenhuma maneira são sinônimos perfeitos, ainda que tenham a mesma raiz *vocare*: chamar; é um erro empregar uma pela outra. Evocar é chamar, fazer vir a si, fazer aparecer por cerimônias mágicas, por encantamentos - evocar almas, espíritos, sombras; "Os necromantes pretendiam evocar as almas dos mortos" (Academia Francesa). Entre os Antigos, evocar era fazer sair as almas dos Infernos para que atendessem ao chamado. Invocar é chamar a si ou em seu socorro um poder superior ou sobrenatural. Invoca-se Deus pela prece. Na

religião católica se invoca aos Santos. Toda oração é uma invocação.

A invocação está no pensamento; a evocação é um ato.

Na invocação, o ser ao qual nos dirigimos nos ouve; na evocação, ele sai do lugar em que está para vir a nós e manifestar sua presença.

A invocação não é dirigida senão aos seres que supomos bastante elevados para nos assistir. Evocam-se tanto Espíritos inferiores como superiores.

GEFE

Como as evocações aparecerão no contexto da Revista Espírita?

Allan Kardec

Largo espaço será igualmente reservado às comunicações escritas ou verbais dos Espíritos, desde que tenham um fim útil, assim como às evocações de personagens antigas ou atuais, conhecidas ou obscuras; sem desprezar as evocações íntimas que, muitas vezes, nem por isso são menos instrutivas.

Numa palavra: abarcaremos todas as fases das manifestações materiais e inteligentes do mundo incorpóreo.

GEFE

Qual a utilidade de evocações particulares?

Allan Kardec

As comunicações que se obtém de Espíritos muitos elevados ou dos que animaram grandes personagens da Antiguidade são preciosas pelo alto ensino que contêm. Esses Espíritos adquiriram um grau de perfeição que lhes permite abarcar uma esfera de idéias mais extensa, penetrar mistérios que ultrapassam o alcance vulgar da Humanidade e, por conseguinte, melhor que outros, nos iniciar em certas coisas. Não se segue daí que as comunicações de Espíritos de ordens menos elevadas sejam sem utilidade.

GEFE

É difícil entender que uma evocação particular seja útil a grande número de pessoas...

Allan Kardec

Longe disto: o observador colhe nelas diversos ensinos. Para conhecer os costumes de um povo é preciso estudá-lo em todos os graus

da escala. Quem só o tivesse visto por uma face, conhecê-lo-ia mal. A história de um povo não é a história dos reis e das sumidades sociais: para o julgar é preciso vê-lo em sua vida íntima, nos seus hábitos particulares.

GEFE

Mas ainda nos parece que as conversas com Espíritos superiores são mais instrutivas...

Allan Kardec

Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua própria elevação os coloca de tal modo acima de nós que ficamos espantados pela distância que nos separa. Espíritos mais burgueses permitam-nos a expressão tornam mais palpáveis as condições de sua nova existência.

GEFE

Para seguir nessa metáfora de classes sociais, esses burgueses, ou "classe média" do mundo espiritual, nos fariam aprender tanto quanto os Espíritos superiores, ou os "nobres"?

Allan Kardec

Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima; nós a

compreendemos melhor, pois nos toca mais de perto.

Aprendendo com eles mesmos no que se tornaram, o que pensam, o que experimentam as pessoas de todas as condições e de todos os caracteres, tanto os homens de bem como os viciosos, tanto os grandes quanto os pequenos, os felizes como os infelizes do século, numa palavra, os homens que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, cuja vida real nos é conhecida, como suas virtudes e seus caprichos, compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos; a eles nos associamos e colhemos um ensino moral tanto mais proveitoso quanto mais íntimas as relações entre eles e nós.

Pomo-nos mais facilmente no lugar daquele que foi igual a nós, do que no daqueles que vemos apenas através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos vulgares mostram-nos a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria nos ensinam os Espíritos superiores. Aliás, no estudo de uma Ciência nada há de inútil: Newton encontrou a lei das forças do Universo num fenômeno simplíssimo.

GEFE

Param por aí as vantagens?

Allan Kardec

Tais comunicações têm outra vantagem: a de constatar a identidade dos Espíritos de modo mais preciso. Quando um Espírito nos diz que foi Sócrates ou Platão, somos obrigados a crer sob palavra porque ele não traz carteira de identidade; podemos ver em suas palavras se desmente ou não a origem que ele se atribui: julgamo-lo Espírito elevado - eis tudo.

Se realmente foi Sócrates ou Platão, pouco importa. Mas quando o Espírito de nossos parentes, de nossos amigos ou daqueles que conhecemos se nos manifesta, ocorrem mil e uma circunstâncias de detalhes íntimos, nos quais a identidade não poderia ser posta em dúvida: adquirindo, de certo modo, a prova material. Pensamos, pois, que nos agradecerão se fizermos, de vez em quando, algumas dessas evocações íntimas: é o romance dos costumes da vida espírita sem a ficção.

1859

O QUE É O ESPIRITISMO

GEFE

Podemos nos comunicar com Espíritos de diferentes ordens?

Allan Kardec

Em princípio, pode-se comunicar com os Espíritos de todas as ordens, com seus parentes e seus amigos, com os Espíritos mais elevados, como com os mais vulgares. Mas, independentemente das condições individuais de possibilidade, eles vêm mais ou menos voluntariamente segundo as circunstâncias e, sobretudo, em razão de sua simpatia pelas pessoas que os chamam, e não pela requisição da primeira pessoa que tenha a fantasia de os evocar por um sentimento de curiosidade; em caso semelhante eles não se importariam quando vivos e não o fazem mais depois da sua morte.

GEFE

O que pensar dos que evocam por dinheiro?

Allan Kardec

Se os incrédulos são levados a suspeitarem da boa-fé dos médiuns em geral,

seria bem pior se estes tivessem um estimulante interesse; poder-se-ia suspeitar, com todo direito, que o médium retribuiria com simulação, porque ele precisaria, antes de tudo, ganhar seu dinheiro.

Não somente o desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade, como repugnaria à razão evocar a peso de ouro os Espíritos de pessoas que nos são caras, supondo que eles a isso consentissem, o que é mais que duvidoso.

Não haveria, em todos os casos, senão Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos meios, e que não mereceriam nenhuma confiança. Estes mesmos, ainda, frequentemente, agem com um prazer maldoso, frustrando as combinações e os cálculos dos seus evocadores.

PERGUNTAS DO PADRE A ALLAN KARDEC

O padre

Não fazeis, entretanto, as evocações depois de uma fórmula religiosa?

Allan Kardec

Seguramente colocamos um sentimento de religiosidade nas evocações e nas nossas reuniões, mas não há fórmula sacramental; para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma nada. Nós os chamamos em nome de Deus porque cremos em Deus, e sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão, e que se Deus não lhes permitir vir, eles não virão. Procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque é uma condição necessária para as observações, e, em segundo lugar, porque conhecemos o respeito que se deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja sua condição, feliz ou infeliz, no mundo dos Espíritos. Fazemos um apelo aos bons Espíritos porque, sabendo que há bons e maus, resulta que estes últimos não vêm se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebemos. O que tudo isso prova? Que nós não somos ateus, mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos.

O padre

Pois bem! que dizem os Espíritos superiores com respeito à religião? Os bons devem nos aconselhar, nos guiar. Suponho que

eu não tenha nenhuma religião e queira uma. Se eu lhes perguntar: me aconselhai que me torne católico, protestante, anglicano, quaker, judeu, maometano ou mórmon, que responderão eles?

Allan Kardec

Há dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a todos, e os princípios particulares a cada uma. Os primeiros são aqueles de que falamos a toda hora, e que todos os Espíritos proclamam qualquer que seja sua posição.

Quanto aos segundos, os Espíritos vulgares, sem serem maus, podem ter preferências e opiniões; eles podem preconizar tal ou tal forma. Eles podem, pois, encorajar em certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservam as idéias da vida terrestre, seja por prudência, para não assustar consciências tímidas.

Crede, por exemplo, que um Espírito esclarecido, fosse mesmo Fénelon, dirigindo-se a um muçulmano, irá desastrosamente dizer-lhe que Maomé era um impostor, e que estará perdido se não se tornar cristão? Ele se guardará disso, porque será repellido.

Os Espíritos superiores, e quando não são solicitados por nenhuma consideração especial, não se preocupam com questões de detalhes.

Eles se limitam a dizer: "Deus é bom e justo; ele não quer senão o bem; a melhor de todas as religiões, pois, é aquela que não ensina senão conforme a bondade e a justiça de Deus; que dá de Deus uma idéia mais ampla, mais sublime, e não o rebaixa emprestando-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e lhes ensina a se amarem todos como irmãos; que condena todo mal feito ao próximo; que não autoriza a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que não prescreve nada de contrário às leis imutáveis da Natureza, porque Deus não pode se contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, de caridade e de moralidade; aquela que tende a combater melhor o egoísmo e a lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, enfim, em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode ser o pretexto de um mal qualquer; ela não deve lhe deixar nenhuma porta aberta, nem diretamente, nem pela interpretação. Vede, julgai e escolhei.

O padre

Se a Igreja proíbe as comunicações com os Espíritos dos mortos é porque são contrárias à religião, como estão formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés. Este último, pronunciando a pena de morte contra essas práticas, prova quanto elas são repreensíveis aos olhos de Deus.

Allan Kardec

Eu vos peço perdão, mas essa proibição não está em nenhuma parte no Evangelho; ela está somente na lei mosaica. Trata-se, pois, de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da lei evangélica, quer dizer, se ela é mais judaica que cristã. Observe-se mesmo que de todas as religiões, a que faz menos oposição ao Espiritismo é a Judaica, e que ela não tem invocado a lei de Moisés, sobre as quais se apóiam as seitas cristãs, contra as evocações. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que interditar a leitura da Bíblia? Que se diria se se proibisse a um cidadão estudar o código das leis de seu país?

A proibição feita por Moisés tinha então sua razão de ser, porque o legislador hebreu queria que seu povo rompesse com todos os

costumes adquiridos entre os Egípcios, e que este, do qual se trata aqui, era um motivo de abusos. Não se evocavam os mortos por respeito e afeição por eles, nem com um sentimento de piedade; era um meio de adivinhação, objeto de um tráfico vergonhoso explorado pelo charlatanismo e a superstição; portanto, Moisés teve razão em proibi-la.

Se ele pronunciou contra esse abuso uma penalidade severa, é que precisava de meios rigorosos para governar seu povo indisciplinado; também a pena de morte está prodigalizada na sua legislação. Apóia-se erradamente sobre a severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos.

Se a proibição de evocar os mortos veio do próprio Deus, como pretende a Igreja, deve ter sido Deus quem editou a pena de morte contra os infratores. A pena tem, pois, uma origem tão sacra quanto a proibição; por que não a conservaram? Moisés promulgou todas as suas leis em nome de Deus, e por sua ordem. Se se crê que Deus seja seu autor, por que não são elas mais observadas? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé sobre algum ponto, por que não o é sobre todos?

Por que a ela recorrer naquilo que tem necessidade e repeli-la no que não convém? Por que não seguiu-a em todas as suas prescrições, a circuncisão, entre outras, que Jesus suportou e não aboliu?

Havia na lei mosaica duas partes: primeiro, a lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai, e que permaneceu porque era divina e o Cristo não fez senão desenvolvê-la; segundo, a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes da época e que o Cristo aboliu.

Hoje, as circunstâncias não são as mesmas e a proibição de Moisés não tem mais cabimento. Aliás, se a Igreja proíbe evocar os mortos, pode ela impedir que eles venham sem que sejam chamados? Não se vê todos os dias pessoas que jamais se ocuparam com o Espiritismo, como se via antes que ele fosse discutido, ter manifestações de todos os gêneros?

Outra contradição: se Moisés proibiu a evocação dos Espíritos dos mortos, é porque esses Espíritos poderiam vir, de outro modo a proibição teria sido inútil. Se eles podiam vir naquele tempo, podem ainda hoje; se eles são os Espíritos dos mortos, não são, pois, exclusivamente demônios. É preciso ser lógico antes de tudo.

1860

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

2ª EDIÇÃO

PERGUNTAMOS A ALLAN KARDEC

GEFE

Sobre a comunicação com os Espíritos...

Allan Kardec

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

GEFE

O que atrai os Espíritos evocados?

Allan Kardec

Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde

predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre as pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou ensinamentos úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.

GEFE

Como distinguir Espíritos bons dos maus?

Allan Kardec

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos

inferiores, ao contrário, é incoseqüente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falsas esperanças.

GEFE

Fale um pouco sobre a evocação e a identidade dos Espíritos:

Allan Kardec

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, mormente se há pouco tempo que morreu, sucede geralmente que sua linguagem se revela de perfeito acordo com o caráter que tinha aos nossos olhos, quando vivo. Já isso constitui indício de identidade. Não mais, entretanto, há lugar para dúvidas, desde que o Espírito fala de coisas particulares, lembra acontecimentos de família, sabidos unicamente do seu interlocutor. Um filho não se enganará, decerto, com a

linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem pais haverá que se equivoquem quanto à de um filho. Neste gênero de evocações, passam-se às vezes coisas íntimas verdadeiramente empolgantes, de natureza a convencerem o maior incrédulo. O mais obstinado céptico fica, não raro, aterrado com as inesperadas revelações que lhe são feitas.

ALLAN KARDEC PERGUNTA AOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?

Espíritos

Não pode haver nisso profanação, quando haja recolhimento e quando a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente. A prova de que assim é tendes no fato de que os Espíritos que vos consagram afeição acodem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação, se isso fosse feito levemente.

1861

O LIVRO DOS MEDIUNS
OU GUIA DOS MÉDIUNS E DOS
EVOCADORES

PERGUNTAMOS A ALLAN KARDEC

GEFE

Os Espíritos se comunicam apenas quando evocados?

Allan Kardec

Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação.

GEFE

Existem opiniões divergentes sobre as comunicações espontâneas e as obtidas através de evocação. Qual a sua opinião?

Allan Kardec

Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro.

GEFE

Porque é um erro?

Allan Kardec

Primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembléia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

GEFE

Então é preferível somente evocar?

Allan Kardec

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas.

GEFE

E se quisermos falar com um Espírito específico?

Allan Kardec

Quando se deseja comunicar com determinado Espírito, é de toda necessidade evocá-lo.

Se ele pode vir, a resposta é geralmente: Sim, ou Estou aqui, ou, ainda: Que quereis de mim? Às vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.

GEFE

Na 1ª edição de O Livro dos Espíritos está escrito que se deve evocar em nome de Deus. Isso não é por si só uma garantia?

Allan Kardec

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levianamente.

Os que nisso vejam o emprego de uma fórmula sem conseqüências farão melhor abstendo-se.

GEFE

Quais os cuidados que o médium deve ter quando procurado por pessoas que desejam evocar um Espírito para tratar de questões particulares?

Allan Kardec

Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de interesse particular, do que para comunicações de interesse geral; isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de confabular com os entes que lhes são caros. Julgamos dever fazer a este propósito algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que não cedam a esse desejo, senão com muita reserva, se se trata de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros e que se acautelem das armadilhas que lhes possam preparar pessoas malfazejas. Em segundo lugar, que a tais evocações não se prestem, sob fundamento algum, se perceberem um fim de simples curiosidade, ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa, ou que sai do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos espíritos.

GEFE

Com relação a estas pessoas que desejam evocar por questões particulares, algum outro cuidado deve ser tomado?

Allan Kardec

Convém igualmente que só com muita prudência se façam evocações, na ausência das pessoas que as pediram, sendo mesmo preferível que não sejam feitas nessas condições, visto que somente aquelas pessoas se acham aptas a analisar as respostas, a julgar da identidade, a provocar esclarecimentos, se for oportuno, e a formular questões incidentes, que as circunstâncias indiquem.

Além disso, a presença delas é um laço que atrai o Espírito, quase sempre pouco disposto a se comunicar com estranhos, que lhes não inspiram nenhuma simpatia. O médium, em suma, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muitas pessoas, é sinônimo de ledor da “buena-dicha”.

GEFE

Que tipos de Espíritos se pode evocar?

Allan Kardec

Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual, podem ser evocados: assim os bons, como os maus, tanto os que deixaram a vida de pouco, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes.

GEFE

Seremos sempre atendidos?

Allan Kardec

Não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. Independente da própria vontade, ou da permissão, que lhes pode ser recusada por uma potência superior, é possível se achem impedidos de o fazer, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que dentro em pouco diremos. Os obstáculos capazes de impedir que um Espírito se manifeste são quase sempre individuais e derivam das circunstâncias.

GEFE

Quais as causas que impedem a manifestação de um Espírito evocado?

Allan Kardec

Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas.

Entre as primeiras, devem colocar-se as ocupações ou as missões que esteja desempenhando e das quais não pode se afastar, para ceder aos nossos desejos. Neste caso, sua visita apenas fica adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não constitua obstáculo absoluto, pode representar um impedimento, em certas ocasiões, sobretudo quando aquela se dá nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado.

Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta.

GEFE

Essas são as causas pessoais. E as estranhas?

Allan Kardec

As causas estranhas residem principalmente na natureza do médium, na da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação, enfim, no objetivo que se tem em vista.

GEFE

Como assim?

Allan Kardec

Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito chamado, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer, ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica.

Os Espíritos vêm de melhor vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que lhes não oferece nenhum obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espírita.

GEFE

Como as relações entre meio, médium, evocador e Espírito podem fazer a diferença?

Allan Kardec

Cumpra ainda levar em conta a facilidade que deve resultar do hábito da comunicação com tal ou qual Espírito. Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com aquele que o chama. Posta de parte a questão da simpatia, entre eles se estabelecem relações fluídicas que tornam mais prontas as comunicações. Por isso é que uma primeira confabulação nem sempre é tão satisfatória quanto fora de desejar e que os próprios Espíritos pedem freqüentemente que os chamem de novo.

O Espírito que vem habitualmente está

como em sua casa: fica familiarizado com seus ouvintes e intérpretes, fala e age livremente.

GEFE

Resumindo...

Allan Kardec

Em resumo, do que acabamos de dizer resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para este a obrigação de estar à nossa disposição; que ele pode vir em certa ocasião e não vir noutra, com um médium, ou um evocador que lhe agrade e não com outro; dizer o que quer, sem poder ser constrangido a dizer o que não queira; ir-se quando lhe aprouver; enfim, que por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo, pode de repente deixar de vir.

Por todos estes motivos é que, quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se apresentou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível; caso não o seja, ele geralmente dá as razões e então é inútil insistir.

GEFE

Podemos evocar os Espíritos maus?

Allan Kardec

Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos. Isto depende do fim que se tenha em vista e do ascendente que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, qual o de os instruir e melhorar; é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Os bons Espíritos, neste caso, podem muito bem dar-lhes o poder de fazerem o que se lhes pede, o que não exclui seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar-lhe o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Será em vão que prometa a si mesmo, quem assim proceda, fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. Esse mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa.

GEFE

Qual o segredo ou fórmula para lidar com este tipo de Espírito?

Allan Kardec

Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão.

GEFE

Em algumas evocações de Espíritos maus, o nome de Deus não produz efeito. Qual a razão?

Allan Kardec

Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra eles, nenhum efeito produza. A razão desse fato deu-no-la São Luís,

na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade.

Pronunciado por quem nenhuma superioridade moral tenha, com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A mais terrível das armas se torna inofensiva em mãos inábeis a se servirem dela, ou incapazes de manejá-la.”

ALLAN KARDEC PERGUNTA AOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Pode alguém, sem ser médium, evocar os Espíritos?

Espíritos

Toda gente pode evocar os Espíritos e, se aqueles que evocares não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de ti e de te escutar.

Allan Kardec

Como podem os Espíritos, dispersos pelo

espaço ou pelos diferentes mundos, ouvir as evocações que lhes são dirigidas de todos os pontos do Universo?

Espíritos

Muitas vezes são prevenidos pelos Espíritos familiares que vos cercam e que os vão procurar. Porém, aqui se passa um fenómeno difícil de vos ser explicado porque ainda não podeis compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos.

O que te posso afirmar é que o Espírito evocado, por muito afastado que esteja, recebe, por assim dizer, o choque do pensamento como uma espécie de comoção elétrica que lhe chama a atenção para o lado de onde vem o pensamento que o atinge. Pode se dizer que ele ouve o pensamento, como na Terra ouves a voz.

Allan Kardec

Dar-se-á que o pensamento do evocador seja mais ou menos facilmente percebido, conforme as circunstâncias?

Espírito

Sem dúvida alguma. O Espírito é mais

vivamente atingido, quando chamado por um sentimento de simpatia e de bondade. É como uma voz amiga que ele reconhece. A não se dar isso, acontece com freqüência que a evocação nenhum efeito produz.

O pensamento que se desprende da evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, perde-se no vácuo.

Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens; se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, porém, as mais das vezes, não o atendem.

Allan Kardec

O Espírito evocado vem espontaneamente, ou constrangido?

Espíritos

Obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra constrangido não se ajusta ao caso, porquanto o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio.

O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias e que tratam destas coisas por divertimento.

Allan Kardec

Pode o Espírito evocado negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?

Espíritos

Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior.

Allan Kardec

Haverá, para o evocador, meio de constranger um Espírito a vir, a seu mau grado?

Espíritos

Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual, ou superior, em moralidade. Digo em moralidade e não em inteligência, porque, então, nenhuma autoridade tem o evocador sobre ele. Se lhe é inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para bem do Espírito, porque, nesse caso, outros Espíritos o secundarão.

Allan Kardec

Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?

Espíritos

A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios.

Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, quando da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem.

Allan Kardec

Para as evocações, é preciso fé?

Espíritos

A fé em Deus, sim; para o mais, a fé virá, se desejardes o bem e tiverdes o propósito de instruir-vos.

Allan Kardec

Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, dispõem os homens de mais poder para evocar os Espíritos?

Espíritos

Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, grandes coisas alcançam. Nada mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de idéias.

Allan Kardec

Haverá dias e horas mais propícias para as evocações?

Espíritos

Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e fora superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais, em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.

Allan Kardec

Para os Espíritos, a evocação é coisa agradável ou penosa? Eles vêm de boa vontade, quando chamados?

Espíritos

Isso depende do caráter deles e do motivo com que são chamados. Quando é louvável o objetivo e quando o meio lhes é

simpático, a evocação constitui para eles coisa agradável e mesmo atraente; os Espíritos se sentem sempre ditosos com a afeição que se lhes demonstre. Alguns há para os quais representa grande felicidade se comunicarem com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como já disse, isto igualmente depende dos caracteres deles. Entre os Espíritos, também há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem do mau humor em que vivem, sobretudo quando chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Um Espírito nenhum motivo tem, muitas vezes, para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre tem a inspirá-lo a curiosidade. Se vem, suas aparições, em geral, são curtas, a menos que a evocação vise a um fim sério e instrutivo.

Nota. Há pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar em que há dinheiro

escondido, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo por nós só se interessam em virtude da afeição que lhes consagramos. Se os nossos pensamentos, com relação a eles, se limitam a supô-los feiticeiros, se neles só pensamos para lhes pedir informações, é claro que não nos podem ter grande simpatia e ninguém deve surpreender-se com a pouca benevolência que lhes demonstrem.

Allan Kardec

Alguma diferença há entre os bons e os maus Espíritos, pelo que toca à solícitude com que atendam ao nosso chamado?

Espíritos

Uma bem grande há: os maus Espíritos não vêm de boa vontade, senão quando contam dominar e enganar; experimentam viva contrariedade, quando forçados a vir, para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Podem a isso ser constrangidos por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons

Espíritos, quando são chamados inutilmente, para futilidades. Então, ou não vêm, ou se retiram logo.

Podeis dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que eles sejam, não gostam, exatamente como vós, de servir de distração a curiosos. Freqüentemente, outro fim não tendes, evocando um Espírito, senão ver o que ele vos dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não deseja dar-vos a conhecer, porque nenhum motivo tem para vos fazer confidências. Julgais que ele se vá colocar na berlinda, somente para vos dar prazer? Desenganai-vos; o que ele não faria em vida não fará tampouco como Espírito.

Nota. A experiência, com efeito, prova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando feita com fim sério e útil. Os bons vêm prazerosamente instruir-nos; os que sofrem encontram alívio na simpatia que se lhes demonstra; os que conhecemos ficam satisfeitos com o se saberem lembrados, os levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes proporciona ensejo de se divertirem à custa delas; sentem-se pouco à vontade com pessoas graves.

Allan Kardec

Para se manifestarem, têm sempre os Espíritos necessidade de ser evocados?

Espíritos

Não; muito freqüentemente, eles se apresentam sem serem chamados, o que prova que vêm de boa vontade.

Allan Kardec

Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, pode-se estar certo da sua identidade?

Espíritos

De maneira alguma, porquanto os Espíritos enganadores empregam amiúde esse meio, para melhor mistificarem.

Allan Kardec

Quando se evoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem, ainda mesmo que não haja manifestação pela escrita, ou de outro modo?

Espíritos

A escrita é um meio material, para o Espírito, de atestar a sua presença, mas o pensamento é que o atrai e não o fato da

escrita.

Allan Kardec

Quando se manifeste um Espírito inferior, poder-se-á obrigá-lo a retirar-se?

Espíritos

Sim, não se lhe dando atenção. Mas, como quereis que se retire, quando vos divertis com as torpezas? Os Espíritos inferiores se ligam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vós.

Allan Kardec

Poder-se-á evocar nominativamente muitos Espíritos ao mesmo tempo?

Espíritos

Não há nisso dificuldade alguma e, se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos vos responderiam ao mesmo tempo; é o que ocorre se se dispõe de muitos médiuns.

Allan Kardec

Quando muitos Espíritos são evocados simultaneamente, não havendo mais de um

médium, qual o que responde?

Espíritos

Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.

Allan Kardec

Poderia o mesmo Espírito comunicar-se, simultaneamente, durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?

Espíritos

Tão facilmente quanto, entre vós, os que ditam várias cartas ao mesmo tempo.

Nota. Vimos um Espírito responder, servindo-se de dois médiuns ao mesmo tempo, às perguntas que lhe eram dirigidas, por um em francês, por outro em inglês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas até eram a tradução literal de outras. Dois Espíritos, evocados simultaneamente por dois médiuns, podem travar entre si uma conversação. Sem que este modo de comunicação lhes seja necessário, pois que reciprocamente um lê os pensamentos do outro, eles se prestam a isso, algumas vezes, para nossa instrução. Se são

Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrenas e das idéias corpóreas, pode acontecer que disputem e se apostrofem com palavras pesadas, que se reprochem mutuamente os erros e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas, etc., um contra o outro.

Allan Kardec

Podem ser evocados os puros Espíritos, os que não terminaram a série de suas encarnações?

Espíritos

Podem, mas muito raramente atenderão. Eles só se comunicam com os de coração puro e sincero e não com os orgulhosos e egoístas. Por isso mesmo, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que alardeiam essa qualidade, para se darem importância aos vossos olhos.

Allan Kardec

Como é que os Espíritos dos homens mais ilustres acodem tão facilmente e tão familiarmente ao chamado dos homens mais obscuros?

Espíritos

Os homens julgam por si os Espíritos, o que é um erro. Após a morte do corpo, as categorias terrenas deixam de existir. Só a bondade estabelece distinção entre eles e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem a fazer-se.

Allan Kardec

Quanto tempo deve decorrer, depois da morte, para que se possa evocar um Espírito?

Espíritos

Podeis fazê-lo no instante mesmo da morte; mas, como nesse momento o Espírito ainda está em perturbação, só muito imperfeitamente responde.

Nota. Sendo variável o tempo que dura a perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer-se a evocação. Entretanto, é raro que, ao cabo de oito dias, o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado, para poder responder. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos se pode experimentar com prudência.

Allan Kardec

A evocação, no momento da morte, é mais penosa para o Espírito do que algum tempo depois?

Espíritos

Algumas vezes. É como se vos arrancassem ao sono, antes que estivésseis completamente acordados. Alguns há, todavia, que de nenhum modo se contrariam com isso e aos quais a evocação até ajuda a sair da perturbação.

Allan Kardec

Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder com conhecimento de causa, se, quando viva, ainda não tinha consciência de si mesma?

Espíritos

A alma da criança é um Espírito ainda envolto nas faixas da matéria; porém, desprendido desta, goza de suas faculdades de Espírito, porquanto os Espíritos não têm idade, o que prova que o da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar, na

linguagem, traços do caráter da criança.

Nota. A influência corpórea, que se faz sentir, por mais ou menos tempo, sobre o Espírito da criança, igualmente é notada, às vezes, no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos, até que se encontre completamente desprendido da matéria. Este efeito varia, conforme as causas da loucura, porquanto há loucos que, logo depois da morte, recobram toda a sua lucidez.

Allan Kardec

Pode evocar-se o Espírito de um animal?

Espíritos

Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, em

os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há, errantes, Espíritos de animais, porém unicamente Espíritos humanos.

Allan Kardec

Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas hão obtido resposta?

Espíritos

Evoca um rochedo e ele te responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto.

Allan Kardec

Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

Espíritos

Pode-se, visto que se pode evocar um Espírito encarnado.

O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.

Allan Kardec

Em que estado se acha o corpo da pessoa

cujo Espírito é evocado?

Espíritos

Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre.

Allan Kardec

Poderia o corpo despertar enquanto o Espírito está ausente?

Espíritos

Não; o Espírito é forçado a reentrar na sua habitação; se, no momento, ele estiver confabulando convosco, deixa-vos e às vezes diz por que motivo.

Allan Kardec

Como, estando ausente do corpo, o Espírito é avisado da necessidade da sua presença?

Espíritos

O Espírito jamais está completamente separado do corpo vivo em que habita; qualquer que seja a distância a que se transporte, a ele se conserva ligado por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando se torne preciso. Esse laço só a morte o rompe.

Nota. Esse laço fluídico há sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de cauda fosforescente que se perde no Espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos hão dito que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal.

Allan Kardec

O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre de se comunicar como o de uma pessoa morta?

Espíritos

Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.

Allan Kardec

Nesse estado, poderia o Espírito ser impedido de vir, por se achar em outra parte?

Espíritos

Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde lhe apraza permanecer e então não acode à evocação, sobretudo quando feita por quem não o interesse.

PERGUNTAMOS A ALLAN KARDEC

GEFE

Como deve proceder o iniciante que deseja evocar determinados Espíritos?

Allan Kardec

Quando queira chamar determinados Espíritos, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes, ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: Em nome de Deus todo-poderoso peço que tal Espírito se comunique comigo, ou então: Peço a Deus todo-poderoso permita que tal Espírito se comunique comigo; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento.

GEFE

Qual a condição indispensável para fazer evocações?

Allan Kardec

O recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros, ou

malfazejos.

ALLAN KARDEC PERGUNTA AOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio?

Espíritos

Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações.

Allan Kardec

Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?

Espíritos

A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para

evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, quando da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem.

Allan Kardec

Para as evocações, é preciso fé?

Espíritos

A fé em Deus, sim; para o mais, a fé virá, se desejardeis o bem e tiverdes o propósito de instruir-vos.

Allan Kardec

A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a imiscuência dos maus Espíritos?

Espíritos

O nome de Deus não constitui freio para todos os Espíritos, mas contém muitos deles; por esse meio, sempre afastareis alguns e muitos mais afastareis, se ela for feita do fundo do coração e não como fórmula banal.

1862

VIAGEM ESPÍRITA EM 1862

OS ESPÍRITAS PERGUNTAM A ALLAN KARDEC

Espíritas

Que pensar da proibição imposta por Moisés aos hebreus, no sentido de não se evocarem as almas dos mortos? Que interpretação poderíamos tirar do fato relativamente às evocações atuais?

Allan Kardec

A primeira conseqüência a tirar-se dessa proibição é a de que é possível evocar as almas dos mortos e estabelecer relações com elas. A proibição de se fazer uma determinada coisa implica a possibilidade de fazê-la. Por exemplo, será necessário decretar-se uma lei proibindo a subida à lua? É realmente curioso ver-se os inimigos do Espiritismo reivindicar ao passado o que julgam servir-lhes e repudiarem esse mesmo passado todas as vezes em que ele não lhes convém. Se invocam a legislação de Moisés para esta circunstância, por que não reclamam a sua aplicação de modo integral? Duvido, entretanto, que algum entre eles esteja tentado a fazer reviver o código mosaico, sobretudo o penal, draconiano, tão pródigo em penas de morte. Dar-se-á então que, ao

entender deles, Moisés procedeu corretamente em certas circunstâncias e erradamente em outras? Mas, nesse caso, por que estaria certo no que concerne às evocações? É que, dizem, Moisés fez leis apropriadas ao seu tempo e ao povo ignorante, e indócil, que conduzia. Mas, essas leis, saltares naquele tempo, já não se enquadram aos nossos costumes e à nossa cultura. Ora, é precisamente isso que dizemos em relação à proibição de evocar os espíritos. Entretanto o fato, em sua época, é justificável, como podemos verificar.

Os hebreus, no deserto, lamentavam vivamente a perda das doçuras do Egito e esta foi a causa das revoltas incessantes que Moisés, algumas vezes, não pôde reprimir senão pelo extermínio.

Daí a excessiva severidade das leis. Em meio a este estado de coisas, obstinava-se ele em fazer com que seu povo rompesse com os usos e costumes que lhe pudessem recordar o Egito. Ora, uma das práticas que os hebreus conservavam, era a das evocações, em uso naquele país, desde tempos imemoriais. E isso não é tudo. Esse uso, que parecia ser bem compreendido e sabiamente praticado na

intimidade de pequeno núcleo de iniciados nos mistérios, degenerara em abuso e superstição entre o povo, que nele via apenas uma arte de adivinhação, sem dúvida explorada pelos charlatões, como, hoje em dia, o fazem os ledores da sorte. O povo hebreu, ignorante e grosseiro, adquirira-o sob esse aspecto abusivo. Defendendo-o, Moisés realizou um ato de boa política e sabedoria. Hoje em dia as coisas já não são as mesmas, e o que podia ser outrora um inconveniente, já não o é no estado atual da sociedade.

Todavia nós também nos levantamos contra o abuso que se poderia fazer das relações com o além-túmulo e afirmamos ser um sacrilégio, não o fato de estabelecerem-se relações com as almas dos que partiram, mas fazê-lo com leviandade, de maneira irreverente, ou por especulação. Eis porque o verdadeiro Espiritismo repudia tudo quanto pode roubar a essas relações, seu caráter grave e religioso, pois que esta seria a verdadeira profanação. Além disso, se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus, e não há mal em se fazer o que Deus permite. O mal, nesta como em outras coisas, está no abuso e no mau emprego.

1863

REVISTA ESPÍRITA

PERGUNTAMOS A ALLAN KARDEC

GEFE

Membros da Igreja proíbem a evocação dos mortos apoiados em Moisés. O que pensar?

Allan Kardec

Alguns membros da Igreja apóiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos, mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros. Porque seria boa em relação às evocações e má em outras partes? Há que ser conseqüente se se reconhece que sua lei não mais está em harmonia com os nossos costumes e a nossa época.

GEFE

Certamente não dizem respeito à nossa época todas as sanções de Moisés...

Allan Kardec

Aliás é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, não mais existem.

Quanto à pena de morte, decorrente da infração, é preciso considerar que nisto ele era muito pródigo e que, na sua legislação draconiana, a severidade do castigo nem sempre era um índice da gravidade da falta.

O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir e não podia ser domado senão pelo terror. Aliás, Moisés não tinha grande escolha nos meios de repressão; não tinha prisões, nem casas de correção e seu povo não era de natureza a sofrer o medo das penas puramente morais; assim, ele não podia graduar sua penalidade como nos nossos dias.

Ora, pelo respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava?

Aliás, por que fazem reviver tal artigo com tanta insistência, quando se passa em silêncio o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da terra e ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (Deuteronômio, Cap. XVIII).

GEFE

Mas Moisés não foi portador da 1ª revelação?

Allan Kardec

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus, propriamente dita, promulgada no Monte Sinai e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica, conforme o tempo, e não pode vir à cabeça de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios que os Hebreus no deserto, assim como a legislação da Idade Média não poderia aplicar-se à França do século dezenove. Quem sonharia, por exemplo, em reviver hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com o chifre a um homem ou a uma mulher, e a pessoa morrer, o boi será lapidado sem remissão, e não será comida a sua carne e o dono do boi será absolvido”. Ora, que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra a teu pai e à tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás o bem de teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isto mesmo, tem um caráter divino; mas não trata da proibição de evocar os mortos; de onde ser necessário concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e de circunstância.

GEFE

Os membros da Igreja entendem que a proibição é atual...

Allan Kardec

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse: "Ouvistes o que foi dito dos Antigos esta ou aquela coisa; mas eu vos digo outra coisa?" Ora, em parte alguma do Evangelho se faz menção da proibição de evocar os mortos. É um ponto muito grave para que o Cristo o tivesse omitido em suas instruções, quando tratou de questões de ordem mais secundária. Ou se deve pensar como o sacerdote, a quem tal objeção foi feita, que "Jesus esqueceu-se de falar nisso?"

GEFE

Mas existem outras objeções dos sacerdotes?

Allan Kardec

Sendo inadmissível o pretexto da proibição de Moisés, apóiam-se em que a evocação é uma falta de respeito aos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se vê nada de

irrespeitoso. Mas há uma resposta peremptória a dar a tal objeção: é que os Espíritos vêm de boa vontade quando chamados e, mesmo, espontaneamente, sem serem chamados; testemunham sua satisfação comunicando-se com os homens, e às vezes se lamentam do esquecimento em que por vezes são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou ficassem descontentes com o nosso chamado, ou o diriam ou não viriam. Se vêm, é porque isto lhes convém, porque não sabemos de ninguém que tenha o poder de obrigar Espíritos, seres impalpáveis, a se incomodarem, se não o querem, pois não lhes podemos dominar o corpo.

GEFE

Param por aí?

Allan Kardec

Alegam outra razão: as almas estão no inferno ou no paraíso. As que estão no paraíso estão na sua inteira beatitude e muito acima dos mortais para se ocuparem com eles. As que estão no inferno dali não podem sair. Restam as que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e devem pensar antes de tudo em

sua salvação. Ora, se nem umas nem outras podem vir, é apenas o diabo que vem em seu lugar.

GEFE

Então, para os sacerdotes, só o diabo se comunica... E os santos?

Allan Kardec

Se as almas que estão na beatitude não podem deixar o seu feliz repouso para vir em socorro aos mortais, o que, diga-se de passagem, seria uma felicidade muito egoísta, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Porque diz ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para os preservar dos flagelos? Porque, segundo ela, os santos, a Virgem mesma, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Então deixam o céu para vir à terra? Se o podem deixar, porque outros não o poderiam?

1864

O EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO

RESUMO DAS LEIS

DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

GEFE

Qual a importância da evocação em casos de obsessão?

Allan Kardec

Para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

GEFE

Existe uma forma de resumir os cuidados que se deve ter ao se comunicar com os Espíritos?

Allan Kardec

Diremos simplesmente que não há, para se comunicar com os Espíritos, nem dias, nem horas, nem lugares mais propícios uns do que os outros; que não é preciso para evocá-los, nem fórmulas, nem palavras sacramentais ou

cabalísticas; e não há necessidade de nenhuma preparação, de nenhuma iniciação; que o emprego de qualquer sinal ou objeto material, seja para atraí-los, seja para afastá-los, não tem efeito e o pensamento basta; enfim, que os médiuns recebem suas comunicações tão simplesmente e tão naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva, sem sair do estado normal. Só o charlatanismo poderia tomar maneiras excêntricas e adicionar acessórios ridículos.

A evocação dos Espíritos se faz em nome de Deus, com respeito e recolhimento; é a única coisa recomendada às pessoas sérias que querem ter relações com Espíritos sérios.

GEFE

Existe algo nas evocações que se assemelham à visão fantástica que alguns possuem delas?

Allan Kardec

As evocações espíritas não consistem, como alguns imaginam, em fazer voltar os mortos com um aspecto lúgubre da tumba. Não é senão nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro que se vêem os

mortos descarnados saírem de seus sepulcros vestidos de lençóis e fazendo estalar seus ossos.

O Espiritismo, que jamais fez milagres, tanto esse como outros, jamais fez reviver um corpo morto; quando o corpo está na cova, aí está definitivamente; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, aí não está metido com seu envoltório grosseiro; dele se separou no momento da morte, e uma vez operada a separação não tem mais nada de comum com ele.

1865

CÉU E INFERNO
OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO
O ESPIRITISMO

GEFE

A pastoral do Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865, foi citada ao longo da obra O Céu e o Inferno. Em relação à evocação ele retoma a questão da proibição feita por Moisés. Poderia citar trechos de importância desta pastoral?

Allan Kardec

“Não é permitido entreter relações com eles (os Espíritos), seja imediatamente, seja por intermédio dos que os evocam e interrogam. A lei moisaica punia os gentios. Não procureis os mágicos, diz o Levítico, nem procureis saber coisa alguma dos adivinhos, de maneira a vos contaminardes por meio deles. (19:31.) Morra de morte o homem ou a mulher em quem houver Espírito pitônico; sejam apedrejados e sobre eles recaia seu sangue. (20:27.) O Deuteronômio diz: Nunca exista entre vós quem consulte adivinhos, quem observe sonhos e agouros, quem use de malefícios, sortilégios, encantamentos, ou consultem os que têm o Espírito pitônico e se dão a práticas de adivinhação interrogando os mortos. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa entrada, as nações que cometem tais

crimes.” (18:10 a 12.)

GEFE

Esta pastoral é fiel ao texto bíblico?

Allan Kardec

É útil, para melhor compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, reproduzir por completo o texto um tanto abreviado na citação antecedente. Ei-lo: “Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos; não consulteis os adivinhos, e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.” (Levítico, 19:31.) “O homem ou a mulher que tiver Espírito pitônico, ou de adivinho, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue cairá sobre eles.” (Idem, 20:27.) “Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos; e entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos; que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas

essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido.” (Deuteronômio, 18:9 a 12.)

GEFE

Os sacerdotes respeitam tanto assim a lei de Moisés?

Allan Kardec

Ora, pelo respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava? Aliás, por que fazem reviver tal artigo com tanta insistência, quando se passa em silêncio o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da terra e ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (Deuteronômio, Cap. XVIII).

GEFE

Serão somente estes motivos?

Allan Kardec

Como todos os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não podem suportar um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado.

GEFE

E qual seria?

Allan Kardec

Este motivo bem poderia ser o medo que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e lhes dar a conhecer, ao justo, como são as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz.

Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; lá está um lobo mau”; e aos homens se diz: “Não chame os Espíritos; é o diabo que vem.” Mas será em vão: se proíbe aos homens chamar os Espíritos, não impedirão que os Espíritos venham aos homens, tirar a lâmpada debaixo do alqueire.

GEFE

Como o Espiritismo, e a evocação por ele ensinada, pode ajudar Espíritos no passamento?

Allan Kardec

Ele dá a mais, e a cada um, os meios de auxiliar o desprendimento doutros Espíritos ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes

a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento único meio de abreviar seus sofrimentos.

GEFE

A pastoral do Monsenhor Gousset ainda diz o seguinte sobre os espíritas: “Eles inculcam o erro sob todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, os santuários dos ídolos, os pés das mesas e as mãos dos meninos se tornam oráculos.” Qual a resposta para este argumento?

Allan Kardec

Mas, se assim é, qual o sentido e valor destas palavras do Evangelho: “Eu repartirei meu Espírito por toda a carne: vossos filhos e filhas profetizarão; os jovens terão visões e os velhos terão sonhos. Nesses dias repartirei meu

Espírito por todos os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão.” (Atos dos Apóstolos, 2:17 e 18.)

Não estará nessas palavras a predição tácita da mediunidade dos nossos dias a todos concedida, mesmo às crianças? E essa faculdade foi anatematizada pelos apóstolos?

Não; eles a apregoam como graça divina e não como obra do demônio. Terão os teólogos de hoje mais autoridade que os apóstolos? Por que não ver antes o dedo de Deus na realização daquelas palavras?

1866

REVISTA ESPÍRITA

GEFE

Para aqueles que são contrários às evocações, existe mais algum argumento em favor delas?

Allan Kardec

Os casos de obsessão são tão freqüentes que não é exagero dizer que nos hospícios de alienados mais da metade apenas têm a aparência de loucura e que, por isto mesmo, a medicação vulgar não tem efeito. O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar; é um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

PERGUNTAS DE UM ESPÍRITA E NOSSAS DIRIGIDAS A ALLAN KARDEC

Espírita

Por que os Espíritos evocados por um sentimento de afeição muitas vezes se recusam a dar provas certas de sua identidade?

Allan Kardec

Compreende-se todo o valor ligado às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros. Tal sentimento é muito natural e parece que do momento em que os Espíritos podem manifestar-se lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais é, para certas pessoas, sobretudo as que não conhecem o mecanismo da mediunidade, isto é, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, uma causa de dúvida e de penosa incerteza, Posto que tenhamos tratado várias vezes desta questão, vamos examiná-la novamente, para responder a algumas perguntas que nos são dirigidas.

GEFE

É difícil atestar a identidade daqueles que morreram a muito tempo?

Allan Kardec

Nada temos a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa instrução e que deixaram a Terra há algum tempo. Sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade não pode ser constatada com certeza senão para os Espíritos partidos recentemente, cujo caráter e hábitos se refletem em suas palavras. Nestes a identidade se revela por mil particularidades de detalhe.

GEFE

Quais seriam essas particularidades?

Allan Kardec

Algumas vezes a prova ressalta de fatos materiais, característicos, mas o mais das vezes de nuances da própria linguagem e de uma porção de pequenos nada que, por serem pouco salientes, não são menos significativos.

Muitas vezes as comunicações deste gênero encerram mais provas do que se pensa e que se descobrem com mais atenção e menos prevenções.

GEFE

Essas provas são suficientes?

Allan Kardec

Infelizmente na maior parte do tempo as pessoas não se contentam com o que o Espírito quer ou pode dar; querem provas à sua maneira; ou lhe pedem para dizer ou fazer isto

ou aquilo, lembrar um nome ou um fato, num momento dado, sem pensar nos obstáculos que, por vezes, a isto se opõem, e paralisam a sua boa-vontade. Depois, obtido o que se deseja, muitas vezes querem mais.

Acham que ainda não é bastante concludente; após um fato, pedem outro e mais outro. Numa palavra, nunca têm bastante para se convencer. É então que, muitas vezes, fatigado por tal insistência, o Espírito cessa completamente de se manifestar, esperando que a convicção chegue por outros meios.

GEFE

É sempre do Espírito comunicante a decisão de se retirar?

Allan Kardec

Muitas vezes, a abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição ao solicitante muito exigente, e também como prova para a sua fé.

Porque se, por algumas decepções e não obtenção do que quer e pela maneira por que o quer, viesse a abandonar os Espíritos, esses por sua vez o abandonariam, deixando-o mergulhado nas angústias e nas torturas da

dúvida, felizes quando o seu abandono não tem conseqüências mais graves.

GEFE

Existem casos onde as provas não são dadas, apesar da vontade do Espírito e de quem evoca?

Allan Kardec

Mas numa porção de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito e do desejo, que tem, de as dar.

Isto se deve à natureza, ou ao estado do instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade mediúnica uma infinita variedade de nuances, que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de tais ou quais efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e que, entretanto, dependem de influências fluídicas diferentes.

O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar som pelas cordas que faltam.

GEFE

Tem algum exemplo?

Allan Kardec

Eis um exemplo notável.

Conhecemos um médium que pode ser posto entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto pela aptidão para se comunicar com quase todos os Espíritos, sem distinção. Inúmeras vezes, nas evocações particulares, obteve irrecusáveis provas de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais tinha conhecido.

Há algum tempo, fez uma pessoa que acabava de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da menina e era tanto mais satisfatória quanto respondia a uma dúvida do pai à sua posição como Espírito. Contudo só havia provas, de certo modo morais. O pai achava que um outro filho teria podido dizer o mesmo; queria algo que só a filha pudesse dizer; admirava-se, sobretudo de que o chamasse pai, em vez do apelido familiar que lhe dava, e que não era um nome francês, partindo da idéia de que se ela dizia uma palavra, podia dizer-lhe outra. Tendo o pai perguntado a razão, eis a resposta que, a respeito, deu o guia do médium:

“Posto que inteiramente desprendida, vossa filhinha não estaria em estado de vos fazer compreender como é que, entretanto, ela lhos sopra. Ela obedecia a uma lei em se comunicando, mas não a compreende bastante para explicar o seu mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuances variam ao infinito e os médiuns que de ordinário tratam de assuntos filosóficos só obtém raramente, e sempre espontaneamente, essas particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade, no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais tensas por seu mesmo desejo já não são bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover-se à sua vontade. Daí se segue que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não mais existe. Não há, pois, nada de admirável que vossa filha vos tenha chamado de pai em vez de vos dar a qualificação familiar que esperáveis.

Por um médium especial obtereis resultados que vos satisfarão. E só ter um pouco de paciência.”

Depois de alguns dias, achando-se esse

senhor no grupo de um dos nossos sócios, obteve de outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava, sem que tivesse pedido especialmente, mas outros fatos de notável precisão. Assim, a faculdade do primeiro médium, por mais desenvolvida e flexível que fosse, não se prestava a esse gênero de produção mediúnica. Podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido e não termos que exigem um trabalho especial. Por isso o conjunto da comunicação refletia o caráter e a disposição das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos.

Um médium não é um mecanismo próprio para todos os efeitos. Assim como não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica. É de notar que as provas de identidade quase sempre vêm espontaneamente, no momento em que menos se pensa, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material.

GEFE

E que causa é essa?

Allan Kardec

As disposições fluídicas que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium oferecem nuances de extrema delicadeza, inapreciáveis por nossos sentidos e que variam de um momento a outro no mesmo médium. Muitas vezes um efeito que não é possível no instante desejado, sê-lo-á uma hora, um dia ou uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Dá-se aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz basta para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. Um poeta fará versos à vontade? Não: é-lhe necessária a inspiração; se não estiver em disposições favoráveis, por mais que cave o cérebro, nada obtém. Perguntai-lhe por que. Nas evocações, o Espírito deixado à vontade aproveita disposições que encontra no médium, aproveita o momento propício. Mas, quando essas disposições não existem, não pode mais que o fotógrafo com a ausência da luz. A despeito de seu desejo, não pode, pois, sempre satisfazer instantaneamente a um

pedido de provas de identidade. Eis porque é preferível esperá-las do que solicitá-las.

GEFE

Esse processo é demorado?

Allan Kardec

É preciso considerar que as relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação só se faz com o tempo e gradualmente. Disso resulta que, inicialmente, o Espírito sempre experimenta uma dificuldade que influi na clareza, na precisão e no desenvolvimento das comunicações. Ao passo que, quando o Espírito e o médium estão habituados um ao outro, quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente, porque não há mais resistências a vencer.

GEFE

É mais complexo do que parecia...

Allan Kardec

Vê-se por aí quantas considerações há que levar em conta no exame das

comunicações. E por falta de o fazer e de conhecer as leis que regem essas espécies de fenômenos que muitas vezes se pede o que é impossível. E absolutamente como se alguém que não conhecesse as leis da eletricidade se admirasse que o telégrafo pudesse experimentar variações e interrupções e concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca. Se essa constatação fosse impossível, nada prejudicaria contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais daí decorrentes. Seria preciso lamentar os que se privassem das consolações que ela proporciona, por não ter obtido uma satisfação pessoal, pois isto seria sacrificar o todo à parte.

1867

REVISTA ESPÍRITA

GEFE

Existem fenômenos que atormentam muita gente. Como usar as evocações para libertar-se de Espíritos que se satisfazem com este tipo de coisa?

Allan Kardec

Se são obra dos Espíritos, só podem provir dos Espíritos levianos divertindo-se com os terrores e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como aqui. O melhor meio de se desembaraçar deles é não se inquietar com os mesmos e cansar a sua paciência, que jamais é de longa duração, quando vêem que se não tem a menor preocupação, o que se lhes prova rindo de suas malícias e os desafiando a fazer mais. O mais seguro meio de os excitar a continuar é atormentar-se e encolerizar-se contra eles. Pode-se, ainda, deles se livrar evocando-os com o auxílio de um bom médium e orando por eles. Então, entretendo-se com eles, pode saber-se o que são e o que querem, e os fazer escutar a razão.

1868

REVISTA ESPÍRITA

A GÊNESE
OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

GEFE

As evocações nos dão informações instrutivas em linhas gerais?

Allan Kardec

As evocações nos mostram uma porção de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: suicidas, supliciados que não suspeitam que estão mortos e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao próprio enterro, como ao de um estranho; avarentos que guardam os seus tesouros, soberanos que julgam mandar ainda e ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes naufrágios, naufragos que lutam contra o furor das ondas; depois de uma batalha, soldados que se batem e, ao lado disto, espíritos radiosos, que nada mais têm de terrestres e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta.

GEFE

É difícil entender por que existem pessoas contrárias às evocações...

Allan Kardec

Pode se perguntar para que servem as evocações, quando nos dão a conhecer, até nos mínimos detalhes, esse mundo que nos espera

a todos, ao sairmos deste? E a humanidade encarnada que conversa com a humanidade desencarnada; o prisioneiro que fala com o homem livre.

GEFE

Mas o que pensar daqueles que só se envolvem nas evocações por divertimento?

Allan Kardec

Não, por certo elas para nada servem ao homem superficial que nisto só vê um divertimento; elas não lhe servem mais que a física e a química recreativas para a sua instrução.

Mas para o filósofo, o observador sério, que pensa no amanhã da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz atirada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Dirão que se pode ser enganado; sem dúvida, como se o pode sobre todas as coisas, mesmo as que se vê e se toca.

Tudo depende da maneira de observar.

GEFE

Como um Espírito evocado se apresenta ao médium que possua vista psíquica?

Allan Kardec

Um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zrolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

GEFE

É possível em um caso de doença, onde não é possível fazer nem o diagnóstico nem delimitar um tratamento existir a presença de um Espírito obsessivo?

Allan Kardec

A prova da participação de uma inteligência oculta, em tal caso, ressalta de um fato material: são as múltiplas curas radicais obtidas, nalguns centros espíritas, pela só evocação e doutrinação dos Espíritos obsessivos, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e a grande distância deste.

GEFE

Como tratar uma obsessão grave?

Allan Kardec

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade,

preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

GEFE

E a evocação nesses casos, é importante?

Allan Kardec

Para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

1869

REVISTA ESPÍRITA

Ao longo dos anos em que a Revista Espírita, fundada por Allan Kardec, esteve sob sua direção muitas mensagens de Espíritos obtidas por evocação foram publicadas.

Diálogos notáveis estão à disposição dos estudiosos e curiosos para o exercício de Filosofia Espírita.

Muitos destes diálogos foram republicados no livro Céu e Inferno, dando um corpo de exemplos de situações da vida após a morte de importância sem igual.

Vamos encerrar este roteiro de estudos com um trecho da comunicação de Charles Fourier, obtida por evocação em março de 1869 e publicada na Revista Espírita do mesmo mês.

Allan Kardec faz a introdução da mensagem publicada da seguinte forma:

"Um discípulo de Charles Fourier, que ao mesmo tempo é espírita, ultimamente nos dirigiu uma evocação com o pedido de solicitar uma resposta, se fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Tendo-nos parecido ambas instrutivas, transcrevemo-las a seguir."

Após responder a pergunta do discípulo, Fourier, o Espírito, encerra a mensagem com um conselho interessante que, sem dúvida, podemos acatar sem prejuízo.

“Duvidais, dizeis vós, meu amigo! tanto melhor: porque aquele que duvida verdadeiramente, procura: e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e, se não depende senão de mim pôr a convicção em vossas mãos, contai com o meu concurso devotado. Mas escutai um conselho de amigo, que pus em prática em minha vida e no qual sempre me achei bem: Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, buscai a sua aplicação individual. Quereis a verdade? Buscai-a em vós mesmos, e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova lá estão. Que aquele que quer saber se examine, e encontrará.”

CHARLES FOURIER

Como todos os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não podem suportar um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Este motivo bem poderia ser o medo que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e lhes dar a conhecer, ao justo, como são as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; lá está um lobo mau”; e aos homens se diz: “Não chame os Espíritos; é o diabo que vem.” Mas será em vão: se proíbe aos homens chamar os Espíritos, não impedirão que os Espíritos venham aos homens, tirar a lâmpada debaixo do alqueire.

Allan Kardec